

AUTONOMIA E TERAPIA OCUPACIONAL: REFLEXÕES À LUZ DO REFERENCIAL DE PAULO FREIRE

Autonomy and occupational therapy: reflections in the light of Paulo Freire's framework

Autonomía y terapia ocupacional: reflexiones a la luz del marco de Paulo Freire

Resumo

A Terapia Ocupacional caracteriza-se pela multiplicidade de saberes e práticas direcionadas para a construção da autonomia que são direcionadas por diferentes referenciais teórico-metodológicos. Na atualidade, especialmente no contexto latino-americano, observa-se a ampliação das discussões sobre perspectivas críticas na Terapia Ocupacional, que apesar de sua pluralidade, de uma forma geral, dialogam com as obras de Paulo Freire. Este editorial tem como objetivo refletir sobre possíveis contribuições da Pedagogia Paulo Freire para a construção de práticas direcionadas à autonomia no contexto da Terapia Ocupacional. O referencial de Paulo Freire pode subsidiar intervenções da Terapia Ocupacional que tenham como horizonte a humanização e a justiça social. Compreendendo as ocupações como expressão e formas de ação no mundo, pautar a Terapia Ocupacional na obra freireana implica na defesa de que estas sejam promotoras do "ser mais" dos seres humanos no processo de transformação de si e do mundo. Transformações que implicam e se concretizam no/pelo exercício da autonomia e que se potencializam na assunção de posturas críticas na realidade vivenciada. Nesta perspectiva, defendemos uma terapia ocupacional dialógica, fundamentada na amorosidade, humildade, fé nos seres humanos, esperança e pensar crítico. O encontro da Terapia Ocupacional com a Pedagogia de Paulo Freire, a partir de suas compreensões sobre a autonomia, pode contribuir significativamente para a reflexão e ação profissional, que numa perspectiva ética, seja efetivamente direcionada para a transformação do/no cotidiano no sentido da humanização e justiça social.

Palavras-chave: Autonomia; Cotidiano; Humanização; Pedagogia Paulo Freire; Terapia Ocupacional.

Abstract

Occupational therapy involves a multiplicity of fields of knowledge and practices that aim to build autonomy and is thus guided by various theories and methodologies. There is currently, especially in Latin America, growing interest in the adoption of critical perspectives within occupational therapy, whose concerns, despite the plural nature of the profession, overlap with those of Paulo Freire. This editorial reflects on how Paulo Freire's educational theories could help occupational therapy to develop practices that promote autonomy. Paulo Freire's work can be used as a guide for occupational therapy interventions that aim to achieve humanization and social justice. Seeing occupations as a form of expression and action in the world, basing occupational therapy on Freire's work involves arguing that it can help human beings to "be more" as part of the process of transforming themselves and the world. These transformations involve exercising autonomy and are made concrete through this. They gain power a critical position is adopted in relation to the world of lived experience. We therefore espouse a dialogic form of occupational therapy, based on love, humility, faith in human beings, hope, and critical thinking. The meeting of occupational therapy and Paulo Freire's educational theories, through their shared understanding of autonomy, may provide a significant contribution to theory and practice in the profession, whose ethos involves engendering more humanity and social justice in our everyday lives.

Key words: Autonomy; Everyday; Humanization; Paulo Freire education; Occupational therapy.

Resumen

La Terapia Ocupacional se caracteriza por la multiplicidad de conocimientos y prácticas dirigidas a construir autonomía que se guían por diferentes referencias teóricas y metodológicas. Hoy en día, especialmente en el contexto latinoamericano, hay una expansión de las discusiones sobre perspectivas críticas en Terapia Ocupacional, que a pesar de su pluralidad, en general, dialogan con las obras de Paulo Freire. Este editorial tiene como objetivo reflexionar sobre las posibles contribuciones de la pedagogía Paulo Freire a la construcción de prácticas dirigidas a la autonomía en el contexto de la terapia ocupacional. El marco de Paulo Freire puede apoyar las intervenciones de terapia ocupacional que tienen como objetivo la humanización y la justicia social. Entender las ocupaciones como expresión y formas de acción en el mundo, guiar la Terapia Ocupacional en el trabajo de Freire implica la defensa de que son promotores del "ser más" de los seres humanos en el proceso de transformarse a sí mismos y al mundo. Transformaciones que implican y se materializan en / a través del ejercicio de la autonomía y que se potencian en la asunción de posturas críticas en la realidad experimentada. En esta perspectiva, defendemos una terapia ocupacional dialógica, basada en el amor, la humildad, la fe en los seres humanos, la esperanza y el pensamiento crítico. El encuentro entre la Terapia Ocupacional y la Pedagogía de Paulo Freire, basado en su comprensión de la autonomía, puede contribuir significativamente a la reflexión y a la acción profesional, que desde una perspectiva ética, está efectivamente dirigida hacia la transformación de / en la vida diaria hacia la humanización. y justicia social.

Palabras clave: Autonomía; Cotidiano; Humanización; Pedagogía Paulo Freire; Terapia ocupacional.

Daniela Tavares Gontijo

Docente do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, Recife, PE, Brasil. Líder do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Vulnerabilidade e Saúde na Infância e Adolescência (NEPVIAS- UFPE), membro da Cátedra Paulo Freire.

danielatgontijo@gmail.com

Maria Eliete Santiago

Docente do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, PE, Brasil. Coordenadora da Cátedra Paulo Freire da UFPE.

mesantiago@uol.com.br

1 INTRODUÇÃO

A Terapia Ocupacional caracteriza-se pela sua multiplicidade de saberes e práticas ⁽¹⁾. Esta diversidade é discutida por diferentes autores, nacionais e internacionais, que apontam a importância de se aprofundar na análise de quais as referências sustentam os discursos e práticas dos profissionais ¹⁻³.

Em âmbito mundial observa-se uma ampliação das discussões sobre perspectivas críticas que subsidiem a Terapia Ocupacional, a partir da inclusão e valorização de conhecimentos e práticas que não se limitem às concepções hegemônicas ocidentais, provenientes do hemisfério norte e de origem anglofônicas⁴.

Especificamente no contexto latino americano tem sido realizadas importantes discussões a luz de referenciais epistemológicos críticos que podem subsidiar diferentes campos de atuação da Terapia Ocupacional⁵⁻¹⁰. Estes referenciais, embora entendidos como plurais e diversos têm alguns pontos em comum que permitem importantes reflexões.

Neste sentido, Morán e Ulhoa¹⁰ definem que uma perspectiva crítica em Terapia Ocupacional, de origem latino-americana, se caracteriza por se constituir como uma maneira de analisar a realidade vivenciada, diferente das perspectivas críticas européias e ocidentais. Os autores explicitam que a análise crítica é situada e ao mesmo tempo global, questiona as relações de poder que se configuram na produção de conhecimento e nas práticas profissionais, busca compreender como as ocupações e as subjetividades se constituem em espaços sociais específicos e em relação com estes e se direciona para a transformação das condições atuais no sentido da superação das desigualdades.

Considerando estes aspectos, os autores apontam algumas possibilidades para a Terapia Ocupacional crítica latino-americana: tomada de postura ética-política-cultural-radical em defesa da pluralidade e versatilidade da Terapia Ocupacional; desenvolvimento de ações profissionais direcionadas para as necessidades e demandas da população que sejam pautadas pela participação, democracia e diálogo; construção de uma "Terapia Ocupacional de la liberación" que se sustenta no comprometimento do terapeuta ocupacional no sentido da descolonização da ocupação humana entendendo-a como construção histórica e como práxis em constante transformação¹⁰.

Nesta mesma linha, Córdoba¹² defende a importância de se compreender a Terapia Ocupacional enquanto produção histórica, ou seja, que configura sua existência em meio às condições objetivas, materiais, políticas, econômicas, culturais e subjetivas na qual vai se constituindo como profissão. Congruente ao apontado anteriormente, o autor

discute que a Terapia Ocupacional, em nível mundial, tem sua origem marcada pela visão anglo-saxônica, cientificista, positivista proveniente de países ricos que se traduzem na adoção de perspectivas funcionalistas na prática profissional. Sustentadas por esta perspectiva funcionalista, conforme também destacado por autoras brasileiras, muitas das ações se caracterizam como processos de “adaptação social” das pessoas atendidas pela Terapia Ocupacional aos seus contextos de vida de forma acrítica¹¹.

Refletindo que a Terapia Ocupacional deve a sua existência enquanto profissão à presença da dor e do sofrimento, que sua expansão se deve ao aumento dos problemas sociais e da desumanização, o autor proclama a importância do desenvolvimento de uma Terapia Ocupacional que seja verdadeiramente produtora de transformações sociais. Essa assunção implica na adoção de posturas verdadeiramente e explicitamente críticas tanto no âmbito das práticas, quanto de produção de conhecimento na Terapia Ocupacional. O autor caracteriza esta perspectiva como “Terapias Ocupacionales del sur”, que abarcam uma diversidade de construções teóricas e práticas direcionadas por esta abordagem crítica e destacam que a profissão, por se vincular diretamente ao “mundo da vida”, tem a oportunidade de através da práxis concreta, contribuir para a conquista de condições de vida dignas para as populações com as quais trabalha¹².

As “Terapias Ocupacionales Del Sur” ou terapias ocupacionais do sul, subsidiadas pelas reflexões de Boaventura de Sousa Santos, partem do pressuposto do sul não como uma localização geográfica, mas sim como uma metáfora para todos os territórios e sujeitos que são submetidos a lógica opressora capitalista, colonialista e patriarcal⁸. Nesta direção, autores apontam a existência de uma diversidade de terapias ocupacionais do sul^{7, 8, 12}. Reconhecendo esta diversidade, Nunes⁸ faz um esforço de sistematização ao pensar características que permeiam as diferentes propostas, dentre as quais destacamos a compreensão de que estas são sociais e situadas histórico e culturalmente; são políticas com posicionamento claro no sentido da luta pela justiça social; são éticas na defesa dos direitos humanos; reconhecem as ocupações como atos coletivos e com potencial transformador da realidade.

Neste cenário, o legado do educador Paulo Freire é apontado como um dos principais referenciais para e na construção de uma Terapia Ocupacional que tenha como horizonte a transformação social^{1, 2, 5, 6, 10, 13}.

Especificamente no contexto brasileiro, realizamos estudo bibliográfico sobre como as concepções de Paulo Freire tem se relacionado com a Terapia Ocupacional, no qual foram analisados 37 artigos publicados de 2000 a 2016, por terapeutas ocupacionais em

periódicos brasileiros, que citaram pelo menos uma obra de Paulo Freire como referência bibliográfica e identificamos a citação de 12 livros do autor utilizados como referências pelos terapeutas ocupacionais. Além disso, encontramos diversas concepções freireanas, com destaque em termos de frequência de aparição e aprofundamento reflexivo, às construções sobre diálogo, autonomia, reflexão¹³ crítica, práxis, conscientização e problematização. Embora estes constructos estejam presentes, com maior consistência em textos que se direcionam às discussões da Terapia Ocupacional no campo social, foram identificadas produções em diferentes cenários de atuação e produção de conhecimento.

Considerando a amplitude da obra de Paulo Freire, defendemos que um maior aprofundamento teórico-metodológico neste referencial pode contribuir com subsídios importantes para reflexão e ação profissionais nos diferentes campos de saberes e práticas na Terapia Ocupacional. Essas conexões podem ser ainda mais ricas na medida que dialoguem concepções fundantes que se constroem nos dois âmbitos e se inter-relacionam. Entre estas, destacamos o potencial de reflexões críticas mais aprofundadas sobre as concepções de autonomia e humanização “palavras” presentes no cotidiano da Terapia Ocupacional, cuja compreensão e ações a elas relacionadas podem ser ressignificadas e potencializadas à luz do referencial freireano.

Na construção deste texto, a autonomia foi considerada a categoria central de análise, uma vez que esta é uma “palavra” que não somente encontra-se presente em definições da Terapia Ocupacional, como também se caracteriza como um objetivo e princípio ético para a prática profissional¹⁴.

Considerando estes aspectos, o presente texto tem como objetivo refletir sobre possíveis contribuições da Pedagogia Paulo Freire para a construção de práticas direcionadas à autonomia no contexto da Terapia Ocupacional^a.

A construção deste editorial se deu a partir de algumas problematizações que norteiam a sua estruturação. Neste sentido inicialmente nos perguntamos: Por quê a Terapia Ocupacional pode dialogar com a Pedagogia Paulo Freire? A partir da problematização e defesa desta possibilidade e partindo dela como premissa, questionamos: qual a compreensão de ser humano orienta nossas ações em processos que intencionamos a autonomia? Por fim,

a. As reflexões explícitas neste texto foram gestadas no processo vivenciado pela primeira autora, sob supervisão da segunda, no Estágio de Pós-Doutoramento junto ao Programa de Pós Graduação em Educação e na Cátedra Paulo Freire, ambos da Universidade Federal de Pernambuco.

nos perguntamos o quê podemos entender como autonomia e como ela pode se tornar ação nas intervenções práticas da Terapia Ocupacional?

Ressaltamos que as “respostas” às perguntas explicitadas anteriormente são compreendidas como “possibilidades” que não tem a intenção de se constituir como “verdades” nem mesmo em relação às possíveis articulações com o obra freireana (cuja amplitude e aprofundamento permitem diversas aproximações), muito menos quando se considera a multiplicidade de referenciais e perspectivas teórico metodológicas na Terapia Ocupacional. Espera-se, contudo, que as reflexões aqui trazidas a público sejam analisadas criticamente pelas (os) leitoras e que estas(es) se sintam convidadas(os) a também se aventurarem no desafio de ampliar e aprofundar o diálogo da Terapia Ocupacional com o referencial freireano.

2. PEDAGOGIA PAULO FREIRE E TERAPIA OCUPACIONAL: UM ENCONTRO POSSÍVEL PARA A CONSTRUÇÃO DA AUTONOMIA

O questionamento gerador deste texto se refere a análise do porquê a Pedagogia Paulo Freire pode subsidiar intervenções da Terapia Ocupacional.

Partindo desta questão, nos colocamos no processo de discussão de alguns pontos que consideramos primordiais para balizar a importância de aprofundarmos o encontro da Pedagogia Paulo Freire com a Terapia Ocupacional.

Partimos da compreensão da Terapia Ocupacional enquanto potencialmente um cenário de encontros entre seres humanos, profissionais e participantes das ações, motivados pela busca de transformações em relação às suas ocupações, às suas atividades cotidianas, aos seus modos de vida. Transformações que vão no sentido da assunção pelos participantes das intervenções da sua condição de “ser sujeitos” de suas próprias vidas a partir do exercício de sua autonomia.

Encontros que independente das razões que os tornaram necessários e possíveis, são permeados por intencionalidades, desejos, sonhos, dores, alegrias, limitações, potencialidades, concepções, técnicas, saberes, que se configuram na relação estabelecida entre pessoas (profissionais e público das intervenções). Pessoas que trazem para o cenário da intervenção da Terapia Ocupacional as suas subjetividades que se configuram permanentemente na objetividade da realidade, ou seja, em meio a contextos institucionais, políticos, sociais, culturais e econômicos. Estes contextos podem trazer possibilidades, mas também podem produzir condicionamentos que limitam as oportunidades das pessoas fazerem o que desejam ou precisam no cotidiano.

Assim, sendo a Terapia Ocupacional concretizada enquanto um encontro de pessoas, de seres humanos, defendemos que o diálogo com a obra freireana em relação a este aspecto pode potencializar não só a compreensão teórica, mas também contribuir para as práticas profissionais.

Ao discutir a prática educativa enquanto encontro de seres humanos, Freire destaca que esta sempre implica uma concepção de ser humano e de mundo. Considerando a autonomia como um fundamento da prática educativa, o autor discute características que fundam a sua concepção de ser humano.

Para Freire os seres humanos o são, porque diferentes dos animais, não apenas vivem, mas existem enquanto presença no mundo, caracterizando-se por sua *historicidade*¹⁵⁻¹⁸. Neste sentido, Freire compreende que os seres humanos são *seres de relações* com outros seres humanos e com o mundo. Relações que são plurais, situadas no tempo e marcadas pela criticidade e que podem potencializar ou limitar as possibilidades dos seres humanos^{15, 17}.

As relações dos seres humanos no e com o mundo são consideradas pelo educador como plurais pois respondem a diferentes desafios vivenciados, e perante o mesmo desafio podem representar diversas formas de respostas. A possibilidade de respostas diversas nas interações com o mundo se relaciona diretamente a concepção de que os seres humanos não somente agem como reflexo da realidade, mas como reflexivos em relação a esta, o que lhes permitem a consciência de sua historicidade¹⁵.

A historicidade se configura nas relações que os seres humanos estabelecem com outros seres humanos e com a realidade, que se concretizam a partir de atos de criação, de recriação e decisão¹⁷. Atos que se constituem a medida que os seres humanos assumam para si a sua condição de sujeito perante a sua história, processo caracterizado como *práxis*, ou seja, a constante ação e reflexão no sentido da transformação de si e da realidade (mundo) em que se vive¹⁷.

Ainda, para Freire, é da natureza dos seres humanos serem vocacionados *para ser mais*, para a busca, para irem além de si mesmos, uma vez que movidos pela esperança buscam a sua *inserção* no mundo¹⁹.

A possibilidade de *ser mais* se enraíza na concepção de que enquanto seres incapazes e cientes deste *inacabamento*, podem vivenciar tanto processos humanizadores quanto desumanizadores¹⁷. Para Freire os processos de *humanização* são aqueles que contribuem para que os seres humanos, em suas relações com outros seres humanos no e com o mundo, vivenciem o seu potencial de *ser mais* de forma permanente.

A partir destas concepções, defendemos que o diálogo da Terapia Ocupacional com Paulo Freire pode contribuir para o aprofundamento da compreensão não só do que significa “ser sujeito” na vida cotidiana, mas também ampliar possibilidades de intervenção direcionadas para o horizonte da humanização, a partir da concepção de autonomia.

A autonomia, na perspectiva freireana, constitui um marcador da presença transformadora dos seres humanos no mundo. De acordo com o autor “ a autonomia se funda na responsabilidade que vai sendo assumida”¹⁸ (p.52) no processo de amadurecimento e comprometimento do “ser para si” no sentido de sua própria *humanização* e consequentemente da humanização do mundo.

Neste sentido, baseado em Freire defendemos que, no contexto da Terapia Ocupacional, a autonomia enquanto realização de escolhas em relação às ocupações vai ao encontro da condição de sujeito em busca de sua humanização. Ser sujeito que perpassa pelo envolvimento com as ocupações numa perspectiva histórica, e assim sendo que pode ser permanentemente transformado e não somente repetido de forma acrítica no cotidiano. Ser sujeito que se envolve em ocupações que se constroem e se configuram nas relações das pessoas com outras pessoas no mundo, que por serem plurais podem resultar em diferentes tipos e formas de atividades no cotidiano. Ser sujeito que realize ocupações que possibilitem aos homens e mulheres se reconhecerem enquanto capazes de ir mais além do que se faz, de aprender, de criar, de descobrir e vivenciar novas ocupações e novas maneiras de se realizar as mesmas atividades de forma que estas lhes sejam significativas. Ser sujeito para o qual o envolvimento com as ocupações se constitua como práxis, como processo permanente de realizar uma determinada atividade, refletir sobre esta e sobre si em atividade na relação com outros e com o mundo, e a ela voltar transformado para transformá-la. Ser sujeito, que sendo protagonista de sua própria história, a partir e nas suas ocupações, se perceba inserido verdadeiramente no cotidiano, de forma crítica, ativa e transformadora, e assim sendo se reconheça como dele construtor.

Considerando esta perspectiva, à luz do referencial de Paulo Freire, podemos compreender as ocupações a partir do seu potencial para configurar a trajetória humana enquanto existência. Para Freire, o domínio da existência está relacionado ao trabalho, compreendido de forma ampla, enquanto ação sobre um objeto, com finalidade, e cujos resultados podem ser antecipados. No entanto para o autor, o trabalho que humaniza os homens não se limita a estes aspectos pois ele acrescenta que é necessário que os resultados deste trabalho sejam “produtos significativos que , separando-se do produtor , se podem dar à sua reflexão critica ao mesmo tempo em que o condicionam” (p. 113)¹⁶.

Considerando estes aspectos, podemos compreender que as ocupações, enquanto expressão e formas de ação dos seres humanos no mundo, em suas múltiplas possibilidades, que tenham potencial para transformar o puro viver em existir se caracterizam não somente por sua significação para os sujeitos mas também que a sua realização se dá a partir da reflexão crítica sobre os seus condicionantes e suas possíveis consequências.

Neste sentido, as contribuições de Paulo Freire para a Terapia Ocupacional no que se refere a sua perspectiva sobre os seres humanos trazem em si a importância da reflexão sobre a intencionalidade da Terapia Ocupacional. Por quê e para quê atuamos? Este questionamento, à luz do referencial freireano, tem como resposta a defesa de uma Terapia Ocupacional ética que tenha como horizonte a *humanização* e a justiça social.

Na obra freireana a humanização é compreendida como vocação dos seres humanos e horizonte da proposta educativa defendida, o autor aponta que a desumanização caracteriza-se como uma possibilidade histórica em decorrência dos múltiplos processos de opressão vivenciados por sujeitos e grupos sociais cotidianamente^{15, 17}.

Segundo Freire⁽¹⁷⁾ a desumanização tem como objetivo diminuir a capacidade dos seres humanos de se reconhecerem como sujeitos reflexivos, ativos, criadores e transformadores de si e da realidade. Por outro lado, a *humanização* se pauta na liberdade, na oportunidade de se perceber como seres históricos, inacabados e vocacionados ao *ser mais*, o que implica no exercício da autonomia.

Assim, vislumbramos a possibilidade da Terapia Ocupacional se configurar como um processo de intervenção pautado na perspectiva freireana, na medida em que se promova práticas e produção de conhecimentos que "servindo a libertação, se funda na criatividade e estimula a reflexão e a ação verdadeiras dos homens (e as mulheres) sobre a realidade, responde à sua vocação como seres que não autenticar-se fora da busca e da transformação criadora"(p.100)¹⁵.

A *humanização* como eixo norteador da ação profissional do terapeuta ocupacional vai ao encontro de uma Terapia Ocupacional pautada na defesa dos direitos humanos numa perspectiva crítica. Neste sentido, Córdoba e Galheigo²⁰ argumentam que as ações de intervenções juntos a sujeitos e grupos sociais, assim como os processos de produção de conhecimento em Terapia Ocupacional subsidiados pelos direitos humanos partem de uma concepção que não dicotomiza os sujeitos e grupos da realidade social em que vivem; respeita as diversidades, diferenças e especificidades e compreende a Terapia Ocupacional como uma construção coletiva de cidadania a partir de práticas democráticas e

experiências de engajamento ocupacional pautadas pela liberdade e autonomia. Os autores chamam a atenção para o exercício da autonomia numa perspectiva crítica que implica em reconhecer que nossas escolhas ocupacionais se dão em uma determinada realidade social, e assim sendo, enquanto terapeutas ocupacionais devemos problematizar as condições nas quais estas escolhas são realizadas de forma permanente²⁰.

Neste sentido, em *Pedagogia do Oprimido*, Paulo Freire, defende que a superação das relações de desumanização pressupõe a compreensão da subjetividade e objetividade enquanto em permanente dialeticidade¹⁷.

Assim, compreender o envolvimento nas ocupações dos seres humanos implica em reconhecer que este é determinado pela relação dialética entre a subjetividade dos sujeitos e as condições objetivas nas quais os fazeres cotidianos ganham concretude. Esta concepção permite aprofundar a compreensão da autonomia, ao trazer à tona a questão das escolhas em relação as ocupações como relacionadas a desejos, motivações, anseios mas também se referem às possibilidades concretas vivenciadas numa perspectiva histórica.

Em outras palavras, “escolher” uma ocupação não se dá da mesma forma para todas as pessoas, não somente por questões individuais, subjetivas, mas também porque os contextos (marcados pela desigualdade de poder em relação a classe social, gênero, raça/etnia, nível de habilidade, entre outros) nos quais essas escolhas acontecem podem limitar ou condicionar as possibilidades tanto de efetivá-las quanto, inclusive, de reconhecer a sua existência. Neste sentido, por exemplo, é importante considerar que as possibilidades de escolhas ocupacionais na construção de projetos de vida não se dão da mesma forma para um adolescente branco e de classe socioeconômica alta e para um jovem negro morador da periferia de uma grande cidade. Conforme destaca Freire em *Pedagogia da Autonomia* as condições de vida não determinam quem somos, que fazemos ou seremos, no entanto, elas condicionam, de forma concreta as possibilidades de escolha¹⁸. Condicionamentos que para o seu enfrentamento exige a tomada de consciência sobre a sua existência pelos sujeitos que os vivenciam no cotidiano, ou seja, é necessário que percebamos (profissionais e público que participa das intervenções da Terapia Ocupacional) que nossas escolhas em relação as ocupações não se relacionam somente aos nossos desejos, preferências ou intenções, mas também são limitadas ou potencializadas no cotidiano pelas relações de poder que configuram nossa existência na sociedade.

Neste ponto, a discussão de Freire sobre os níveis de consciência pode trazer aportes interessantes para a Terapia Ocupacional, uma vez que o mesmo defende que quanto

mais crítica a consciência sobre as relações que são estabelecidas na realidade , mais críticas são as escolhas que norteiam as ações que os seres humanos fazem no e com o mundo:

“toda compreensão de algo corresponde, cedo ou tarde, uma ação. Captado um desafio, compreendido, admitida as hipóteses de respostas, o homem age. A natureza da ação corresponde à natureza da compreensão. Se a compreensão é crítica, a ação também o será. Se é mágica a compreensão, mágica será a ação” (p.139)¹⁵.

Assim, compreendendo as ocupações como formas de ação dos seres humanos no mundo, as escolhas e realizações destas refletem seus posicionamentos perante este e conseqüentemente seu nível de criticidade. Nesta direção, abordar a autonomia na e através das ocupações a partir de Freire, implica também na compreensão de que a potencialização do *ser mais*, do ser sujeito em seu cotidiano, não implica somente na possibilidade de conseguir realizar uma ocupação, mas sobretudo que esta ocupação seja significativa e promotora de transformações que transcendem a dimensão individual e se expandem para as relações que os sujeitos constituem com outras pessoas no mundo no sentido da humanização de ambos.

Esta característica relacional, possibilita a superação de perspectivas, e práticas delas decorrentes, que pautam a autonomia somente a partir de suas dimensões observáveis, mensuráveis e que associam de forma simplista o ato de realizar uma ocupação, independentemente do seu processo de significação e contextualização, enquanto um indicador de autonomia dos sujeitos. Entendemos que a realização de uma ocupação, exterioriza, materializa os processos de escolhas, mas não necessariamente reflete uma escolha marcada pela autonomia, enquanto *ato do ser para si* no sentido da sua condição de sujeito da própria história¹⁸. Por exemplo, um morador de rua pode participar de uma oficina de construção de objetos recicláveis somente pelo fato que a sua presença lhe garante a possibilidade de receber uma refeição ao final. Outro exemplo, uma pessoa que sofreu uma lesão neurológica pode “escolher” treinar o vestir um determinado estilo de roupa que lhe impõe muitas dificuldades não por gostar deste estilo, mas por ele representar um determinado lugar que lhe é imposto pela sua família . Uma criança pode “escolher” brincar com atitudes violentas pois isto reflete o modo dos pais se relacionam com ela. Em todos os exemplos citados, as pessoas, de certa forma, escolhem as suas ocupações, no entanto estas não se caracterizam enquanto promotoras de autonomia no sentido freireano uma vez que são atos de adaptação ao mundo e não inserção crítica neste mundo.

A intencionalidade deste processo exige que os terapeutas ocupacionais tenham a autonomia não somente como um objetivo, uma finalidade, mas que a própria prática terapêutica ocupacional se configure como uma vivência de autonomia.

Freire¹⁸ em *Pedagogia da Autonomia* ao abordar os saberes necessários para a construção da autonomia na prática educativa, traz diversas questões que devem ser alvo de reflexão na prática terapêutica ocupacional. Entre estas questões, destacamos a afirmação realizada pelo autor de que a construção da autonomia só pode se constituir a partir e em práticas que se caracterizem pelo exercício da liberdade e da responsabilidade de todos os envolvidos. Considerando esta exigência, compreende-se que uma intervenção terapêutica ocupacional promotora de autonomia, na perspectiva freireana, rompe com o modelo hegemônico de atuação profissional. Este modelo hegemônico, conforme discutido por Galheigo²¹ se encontra enraizado no processo histórico da Terapia Ocupacional e se pauta na valorização da relação verticalizada entre profissionais e pessoas que são atendidas e sustentadas pela supremacia do saber técnico.

A superação desta perspectiva presente na Terapia Ocupacional e que apresenta características semelhantes a educação bancária criticada de forma aprofundada por Freire⁽¹⁷⁾ em *Pedagogia do Oprimido*, pressupõe a utilização de metodologias adequadas e congruentes a sua intencionalidade. Neste ponto, chegamos ao último questionamento que norteia a construção deste editorial: Como a autonomia pode se tornar “ação” nas práticas da Terapia Ocupacional? Para esta questão, trazemos como uma possibilidade de resposta, a defesa do *diálogo*, na concepção de Paulo Freire, como fundamento teórico e metodológico para as intervenções.

O *diálogo* caracteriza a natureza da proposta educativa defendida por Paulo Freire^{15, 17-19}. O autor em *Pedagogia do Oprimido* afirma o diálogo como o encontro de seres humanos no e com o mundo, e formula a teoria dialógica com base nos fundamentos: amorosidade, humildade, fé, esperança e pensar certo. Estes fundamentos, se constituem como pressupostos a materializar-se nas práticas, inclusive terapêuticas ocupacionais, que tenham como horizonte a humanização e a justiça social.

Um primeiro ponto defendido por Freire é que o diálogo exige, incondicionalmente, o amor aos seres humanos. Amorosidade que se expressa como compromisso com a causa da humanização de todos e todas. Neste sentido, uma Terapia Ocupacional dialógica pressupõe que o profissional se comprometa com a transformação da realidade de desigualdade vivenciada pela grande maioria do público atendido pela profissão.

Comprometimento que exige reconhecer e enfrentar a possibilidade de que nossas intervenções podem se constituir como cenários nos quais contribuimos para que o envolvimento em ocupações mantenha as desigualdades sociais aos quais muitos do público com o qual nos relacionamos se “adaptam” cotidianamente e não como instrumentos de transformação efetiva de realidades no sentido da construção de uma sociedade mais justa para todos. Neste sentido, a amorosidade defendida por Freire nos traz a exigência de questionamentos permanentes em relação ao envolvimento ocupacional que mediamos em nossas práticas profissionais: à favor de quê /quem e contra o quê/quem buscamos que as pessoas se envolvam em ocupações? Nossas intervenções contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e igual para todos e todas ou somente nos direcionamos para que as pessoas possam se adaptar e sobreviver às injustiças vivenciadas no cotidiano? Até que ponto nos comprometemos, verdadeiramente, com a potencialização da “condição de sujeito” considerando, criticamente, a realidade concreta vivenciada pelos participantes de nossas ações profissionais?

O comprometimento proposto por Freire só ganha materialidade quando é acompanhado pela atitude de humildade por parte do educador, e, no nosso foco de discussão, do terapeuta ocupacional. A humildade se constitui como um fundamento do diálogo pois é ela que possibilita que os diversos saberes possam, juntos, constituírem a relação que se estabelece entre a pessoa que assume a função de conduzir uma ação e aqueles que dela participam. É somente a partir de uma postura de humildade que o terapeuta ocupacional passa a compreender que as suas intervenções devem, consistentemente, partir da realidade vivenciada pelas pessoas com as quais se encontra e não do seu conhecimento teórico e técnico (também importante, mas não o único e mais importante hierarquicamente).

Neste sentido, pensar uma Terapia Ocupacional dialógica pressupõe que o profissional não somente pergunte sobre quais as ocupações são mais importantes e que devem ser o “objetivo” da intervenção, mas que, a partir disso, construa um espaço no qual possa problematizar junto com as pessoas que participam das práticas terapêuticas ocupacionais as razões desta “importância”. Este processo de problematização pode contribuir para que o exercício da autonomia se dê de forma crítica, no sentido da desnaturalização de escolhas impostas socialmente ou reproduzidas no cotidiano de forma acrítica, que contribuem para a desumanização de todos os envolvidos no processo.

Além da amorosidade e da humildade, Freire¹⁷ destaca a fé no potencial dos seres humanos em *ser mais* como uma condição fundamental para a existência do diálogo. A

defesa de que as pessoas podem se transformar através de suas ocupações se faz presente cotidianamente nos discursos e nas práticas da Terapia Ocupacional. No entanto, adotar a perspectiva freireana de fé, enquanto crença inabalável no potencial humano de *ser mais*, exige compreender que o “*ser mais*” se refere ao âmbito individual, prática comum na Terapia Ocupacional, mas também que para que cada um “seja mais” é necessário que “*todos e todas sejam mais*”, o que implica em uma ampliação das intervenções para o coletivo, para os territórios de vida, para o enfrentamento das situações de injustiça nas quais o “*ser mais*” de uns, implica em “*ser menos*” para outros.

O testemunho de amorosidade, humildade e fé do/da profissional que conduz a ação possibilita a construção da relação de confiança entre estes e as pessoas que participam das intervenções. Para Freire¹⁷ a confiança, vital nos processos dialógicos, se constrói a partir da vivência dos fundamentos anteriormente discutidos, assim como da esperança e do pensar certo.

O *diálogo* se constitui pela, na e através da esperança enquanto atitude daquele que espera enquanto age no sentido da transformação da realidade e enquanto age espera que esta se efetive no cotidiano. Ou seja, considerando o cenário da Terapia Ocupacional, ter a esperança como fundamento da intervenção significa, entre outras coisas, atuar com as estratégias e recursos possíveis para que as pessoas se envolvam em ocupações promotoras do *ser mais* nos seus contextos reais de vida, ao mesmo tempo em que se envolve também em processos de transformação da realidade concreta que condiciona essas possibilidades. Freire aponta que quando se considera a perspectiva histórica, muitas vezes nossas intervenções se efetivam não a partir do que desejamos, mas sim do que é possível para um determinado momento, o que exige paciência que nas palavras do autor “*não é conformismo. Significa apenas que a melhor maneira de fazer o impossível de hoje é realizar o possível de hoje*”(p.99)²².

Assim, abordar a Terapia Ocupacional na perspectiva de Freire, significa construir intervenções nas quais a partir e através do envolvimento em ocupações, seja possível o esperar enquanto atitude de enfrentamento das condições injustas que marcam o cotidiano ocupacional da maioria do público atendido pela profissão.

Por fim, pensar uma Terapia Ocupacional dialógica implica que a intervenção seja constituída a partir do pensar certo. Pensar certo, fundamento do *diálogo*, é uma expressão utilizada por Freire⁽¹⁸⁾ para caracterizar o pensar crítico, o pensar a prática vivenciada. Além disso, é importante ressaltar que o pensar certo não se dissocia do agir certo, ou seja, reflexão e ação se constituem como um todo indicotomizável que possibilita aos seres humanos a transformação de si e do mundo.

No âmbito das práticas terapêuticas ocupacionais, do ponto de vista do público que participa de nossas intervenções, este pensar certo se refere a reflexão e ação sobre e nas ocupações cotidianas pelos sujeitos que as realizam nos diferentes cenários da vida. Neste sentido, entendemos que um processo da Terapia Ocupacional pautado nos referenciais de Paulo Freire implica na construção de oportunidades para que as pessoas possam pensar criticamente sobre o seu cotidiano, não somente em relação às suas limitações e potencialidades para fazerem o que desejam, querem ou precisam, mas sobretudo desvelando as razões que configuram estas situações. Razões, que conforme já discutido anteriormente, podem se relacionar a questões biológicas, emocionais, atitudinais, mas também a aspectos que transcendem o domínio individual e familiar e tem sua gênese nas diferentes relações de poder que configuram a realidade social. É somente a partir deste processo de desvelamento, de problematização em relação às ocupações enquanto manifestação da atuação dos seres humanos no mundo, que se torna possível identificar soluções antes não vislumbradas pelos participantes das intervenções (profissionais e sujeitos participantes), soluções nomeadas por Freire²² como *inéditos viáveis* que podem contribuir para a humanização e justiça social.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A autonomia constitui-se como uma das categorias centrais de análise para Paulo Freire e caracteriza-se como um dos principais constructos que delineiam a atuação da Terapia Ocupacional.

Ao longo deste editorial buscamos trazer à tona reflexões sobre possíveis contribuições de Paulo Freire para a construção de práticas direcionadas à autonomia no contexto da Terapia Ocupacional. Compreendemos que um maior aprofundamento em relação as obras de Paulo Freire podem contribuir significativamente para o fortalecimento de uma Terapia Ocupacional comprometida com processos de transformação social, no sentido do enfrentamento das situações de desigualdades que caracterizam a realidade da maioria da população com as quais convivemos cotidianamente.

Entendendo as ocupações como forma de intervenção dos seres humanos no mundo, a utilização da Pedagogia Paulo Freire, de forma consistente, enquanto referencial teórico-metodológico, vai na direção da defesa da valorização proposta pelas terapias ocupacionais do sul e possibilita a identificação de "caminhos" a seguir na construção de ações que se direcionam para a autonomia.

Caminhos que se pautam na concepção de que os seres humanos são vocacionados para serem mais e que as propostas de intervenções não podem se furtar ao dever ético de contribuir e lutar pela justiça social. Caminhos que se constroem no e pelo diálogo entre terapeutas ocupacionais e pessoas que participam das intervenções mediados pelas ocupações. Caminhos que trazem múltiplas possibilidades e desdobramentos que nos colocam o desafio de nos posicionarmos criticamente em nossa prática, de desvelarmos as razões encobertas para nossas atitudes com aqueles com os quais partilhamos o cotidiano, de lutarmos também pelo nosso direito de "ser mais" enquanto seres humanos e coletivo profissional.

Referências

1. Galheigo SM, Braga CP, Arthur MA, Matsuo CM. Produção de conhecimento, perspectivas e referências teórico-práticas na terapia ocupacional brasileira: marcos e tendências em uma linha do tempo. *Cad Bras Ter Ocup*. 2018; 26(4):723–38.
2. Feriotti ML. Construcción de la identidad profesional del terapeuta ocupacional en el marco epistemológico actual: una mirada particular desde Brasil. *TOG (A Coruña)*. 2017; 14(25):17–31.
3. Farias L, Rudman DL, Magalhaes L. Illustrating the Importance of Critical Epistemology to Realize the Promise of Occupational Justice. *OTJR Occup Particip Heal [Internet]*. 2016; 36(4):234–43. Available from: <http://otj.sagepub.com/lookup/doi/10.1177/1539449216665561>.
4. Magalhães L, Nayar S, Pizarro EP, Stanley M. Extending the paradigm: Occupation in diverse contexts. *J Occup Sci*. 2018; 25(4):445–9.
5. Lopes RE, Malfitano APS, Silva CR, Patrícia LO. Historia , conceptos y propuestas en la Terapia Ocupacional Social de Brasil. *Rev Chil Ter Ocup*. 2015; 15(01):73–84.
6. Malfitano APS, Lopes RE, Magalhães L, Townsend EA. Social occupational therapy: Conversations about a Brazilian experience. *Can Journ Occup Ther*. 2014; 81(5):298–307.
7. Silva CR, Morrison R, Campo YC, Kronenberg F. Terapias ocupacionais do sul: demandas atuais a partir de uma perspectiva socio - histórica. *Rev Interinst Bras Ter Ocup*. 2019; 3(2):172–8.
8. Núñez CMV. Terapias Ocupacionales del Sur: una propuesta para su comprensión. *Cad Bras Ter Ocup*. 2019; 27(3):671–80.
9. Simó Algado S, Córdoba AG, Oliver FC, Galheigo SM, Solágnel Garcia-Ruiz. Terapias ocupacionales desde el sur: derechos humanos, ciudadanía y participación. 1st ed. Santiago (Chile): Editorial Universidad de Santiago de Chile; 2016.

10. Morán JP, Ulloa F. Perspectiva crítica desde latinoamérica: hacia una desobediencia epistémica en terapia ocupacional contemporánea. *Cad Ter Ocup UFSCar*. 2016; 24 (02):421–7.
11. Munguba MC, Malfitano APS, Lopes RE. O debate sobre a “questão social” na terapia ocupacional: uma revisão integrativa. *Cad Bras Ter Ocup*. 2018; 26(4):892–903.
12. Córdoba AG. Lecturas y relatos históricos de la Terapia Ocupacional en Sudamérica . Una perspectiva de reflexión crítica. *Rev Ocupación Humana*. 2016; 16(2):110–7.
13. Gontijo DT, Santiago ME. Terapia Ocupacional e Pedagogia Paulo Freire: configurações do encontro na produção científica nacional. *Reflexão e Ação*. 2018; 26(1):132–48.
14. COFFITO. Resolução Coffito nº425, de 08 de Julho de 2013 : Estabelece o Código de Ética e Deontologia da Terapia Ocupacional. Brasília; 2013.
15. Freire P. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra; 2011.
16. Freire P. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 14th ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2011.
17. Freire P. Pedagogia do Oprimido. 50a ed. São Paulo: Paz e Terra; 2011.
18. Freire P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra; 2011.
19. Freire P. Pedagogia da esperança. São Paulo: Paz e Terra; 2011.
20. Córdoba AG, Galheigo SM. Reflexiones críticas acerca de los derechos humanos: Contribuciones desde la terapia ocupacional Latinoamericana. *World Fed Occup Ther Bull*. 2015; 71(2):73–80.
21. Galheigo SM. Terapia Ocupacional social: uma síntese histórica acerca da constituição de um campo de saber e de prática. In: Lopes RE, Malfitano APS, editors. *Terapia Ocupacional Social: desenhos teóricos e contornos práticos*. 1a ed. Sao Carlos (SP): EdUfsCar; 2016; p. 49–68.
22. Freire P. Cartas a Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo. São Paulo: Paz e Terra; 2011.

* Agradecimentos: A construção deste texto reflete um processo de formação coletivo. Neste sentido, agradecemos à Cátedra Paulo Freire da UFPE, ao Programa de Pós Graduação em Educação/UFPE, ao Departamento de Terapia Ocupacional/UFPE as e os estudantes de Terapia Ocupacional e o público que participam de nossas ações de ensino, pesquisa e extensão, com os quais juntos problematizamos nosso fazer profissional e humano. Agradecemos também a Juliana Figueiredo Sobel e Maria Natália Santos Calheiros pela leitura atenta e contribuições a este manuscrito.

Contribuição das autoras: ambas as autoras contribuíram para a idealização do texto e a sua revisão.